

truque  
[trick]

ilê sartuzi

## Truque

### Heloisa Espada

curadora responsável MAC-USP

Nos trabalhos de Ilê Sartuzi, é comum que diferentes objetos sejam animados e se movimentem de maneira mais ou menos aleatória. Esses mecanismos imperfeitos e frágeis frequentemente criam a sensação de que algo está prestes a dar errado. Por meio de recursos variados, que vão da pintura ao vídeo, do teatro de marionetes a tecnologias contemporâneas de diferentes graus de complexidade – o artista expõe engrenagens para desarticular discursos de poder.

*Truque* se volta para as instituições museológicas e seus equipamentos de segurança, questiona sua legitimidade, seu papel na história da colonização e seus processos de normatização. Num primeiro momento, a exposição apresenta uma série de trabalhos que interferem na infraestrutura do MAC USP, manipulando luzes, alarmes e outros aparatos de segurança que, usualmente, têm o efeito de intimidar o público. As obras, por vezes acionadas pela presença do visitante, desarticulam a autoridade da instituição fazendo-a performar de modo disfuncional e delirante. Somam-se a esses trabalhos a videoinstalação *Sleight of Hand* (2023-2024) e um conjunto de documentos e objetos relacionados a ela, que convertem a ideia de furto e a mágica em gesto artístico. A obra registra a ação realizada em 18 de junho de 2024, no British Museum, em Londres, quando, durante um programa que permite aos visitantes manipularem peças do acervo, o artista usou uma técnica de mágica para trocar uma moeda original, cunhada em 1645, por uma réplica. Em seguida, Sartuzi caminhou em direção à rua e, antes de sair, depositou a moeda na caixa de doações da instituição.

Esta exposição traz à tona não só o debate contemporâneo sobre a repatriação de bens culturais, mas ainda, de certa forma desmonta a caixa preta do museu, permitindo ao visitante notar equipamentos que normalmente são invisibilizados e naturalizados, mas cuja presença sutil apoia e valida os discursos ali apresentados.

## Trick

### Heloisa Espada

curator in charge MAC-USP

In the works of Ilê Sartuzi, it is common for different objects to be animated and move in a more or less random manner. These imperfect and fragile mechanisms often create the sensation that something is about to go wrong. Through various resources, ranging from painting to video, from puppet theater to contemporary technologies of different degrees of complexity, the artist exposes gears to dismantle power discourses.

*Trick* turns to museum institutions and their security equipment, questioning their legitimacy, their role in the history of colonization, and their standardization processes. At first, the exhibition presents a series of works that interfere with the infrastructure of MAC USP, manipulating lights, alarms, and other security devices that usually have the effect of intimidating the public. The works, sometimes triggered by the presence of the visitor, disarticulate the authority of the institution, making it perform in a dysfunctional and delirious way. These works are joined by the video installation *Sleight of Hand* (2023-2024) and a set of documents and objects related to it, which convert the idea of theft and magic into an artistic gesture. The work records the action carried out on June 18, 2024, at the British Museum in London, when, during a program that allows visitors to handle collection pieces, the artist used a magic technique to swap an original coin, minted in 1645, for a replica. Then, Sartuzi walked towards the street and, before leaving, deposited the coin in the institution's donation box.

This exhibition brings to light not only the contemporary debate about the repatriation of cultural goods but also, in a way, dismantles the museum's black box, allowing the visitor to notice equipment that is usually invisible and naturalized, but whose subtle presence supports and validates the discourses presented there.

## Gestos e espaços para novíssimos sentidos

**Marcela Vieira**

curadora da exposição

Existem maneiras distintas, conscientes ou não, de adentrar um espaço e de a partir dele produzir sentidos, associações e, por extensão, novas memórias. Há, por exemplo, quem adentra um espaço e se deixa distrair por uma palavra, por um olhar, relances, algum acontecimento que pertença à insondável competência do afeto. Há, também, quem adentra um espaço esquadrinhando-o, detectando seus ângulos, planos, quadrantes, iluminações. A distinção entre essas percepções que estamos constantemente a experienciar é de natureza íntima e nem sempre pronunciada. Entretanto, essas dinâmicas são sempre suscetíveis de serem manifestas pela representação via recursos narrativos ou especulativos.

Nada impede, contudo, que diferentes formas de experimentar a circulação por um espaço se amalgamem, dando origem a eventos excepcionais: as percepções estruturais se deslocando para o terreno sensorial, ou, em sentido inverso, as percepções físicas passando para o registro geométrico, conforme movimento e cadências de ritmo. A exposição “Truque”, de Ilê Sartuzi, instalada no MAC-USP, apresenta algumas dessas conjecturas de observação e de possibilidades espaciais, ao destacar tanto a estrutura (e a infraestrutura) do espaço expositivo quanto ao ativar propriedades do corpo em ardiloso movimento coreografado.

\*\*\*

Durante a fase de produção de “Truque”, chamou atenção a estratégia processual de Sartuzi, que envolveu detalhada pesquisa sobre a estrutura do museu e acordos com diferentes instâncias institucionais, abrangendo desde curadores até a equipe de segurança e corpo de bombeiros, todos debruçando-se em negociações em torno do escopo arquitetônico. Se por um lado temos a dedicação às considerações referentes ao espaço, via estudo da planta (esta que, vale mencionar, participa de “Truque” como documentação, ou, se quisermos, como obra independente), é igualmente notória a informação de que grande parte do conjunto dessas obras – a saber, *Turn Me Off*, *Sinal*, *Alarmes: sinfonia para museus*, *Vigilante*, *beep* – partiu de uma experiência especulativa, visto que tiveram origem em texto. A informação tem sua curiosidade, pois revela que Sartuzi, antes de passar a decisões visualmente estéticas, aprofunda-se em uma

abordagem a princípio técnica, recolhendo vocabulário, perspectivas e noções a respeito do seu objeto. Antes de finalmente chegar à *imagem*, que potencialmente concentra a novidade, ou, idealmente, alguma possibilidade de transformação, a produção de Sartuzi costuma se nutrir de variados modelos linguísticos, como o literário, o arquitetônico, o teatral e o coreográfico, como veremos a seguir.

A videoinstalação em dois canais *Sleight of Hand*, gravada no British Museum, em Londres, e agora exposta em “Truque”, confirma o interesse de Sartuzi pelo estudo do espaço, só que desta vez o espaço expositivo será abordado estrategicamente como palco de uma operação que pode ser identificada entre a operação do furto e do passe de mágica, no que ambas atividades têm em comum (*sleight of hand* é a denominação para o efeito ilusionista de manipulação de um objeto fazendo-o desaparecer aos olhos do outro). Para executar esse passe cuidadosamente premeditado, faz-se necessária a presença do outro, pois, sem ele, nem a mágica nem o furto teriam seu ciclos realizados, e configurar-se-iam como mero treinamento. Para que a ação de *sleight of hand* se conclua, seu executor deve operar dentro de um sistema múltiplo de signos que supõem elementos rítmicos, espaciais, visuais e psicológicos. Por lidar com um conjunto de fatores que não dependem exclusivamente de sua performance, o ladrão, ou o mágico (nesse sentido eles se assemelham intimamente), de forma onisciente, está sensível aos agentes exteriores aos seus próprios gestos ou movimentos, e, também por isso, mesmo a mais aperfeiçoada preparação para o ato supõe grande margem de erro. Quando bem-sucedidos, o que o furto e a mágica deflagram é a consequência do ato – do gesto, do passe – e nunca o ato em si.

As operações propostas pelos truques exigem uma reconfiguração da gestualidade e uma tentativa de criar agenciamentos rítmicos entre os corpos, na tentativa de se inscrever na ordem supostamente natural da situação em que se está prestes a intervir. A fluência no ritmo, mesmo que seja para dele participar sincronicamente, supõe uma intervenção na realidade, ainda que a intenção, neste caso, seja a de se camuflar aí, simulando espontaneidade. A partir de então, ou seja, da operação de elementos concretos e reais, alguma transformação pode ocorrer, abrindo inéditas possibilidades de percepção. Em *Sleight of Hand*, a ação de mágica, ou roubo, praticada pelo artista, depreende uma mudança de sentidos, abrindo margem para uma linguagem que tanto pode ser utópica e efabulativa, quanto pode ser crítica em relação a essa realidade.

Em *Sleight of Hand* percebe-se outro recurso recorrente na poética de Sartuzi: o estudo dos corpos. Se em trabalhos anteriores esses corpos estão representados mecanizados ou artificialmente via manequins muitas vezes desmantelados, em *Sleight of Hand*, as personagens são reais e experienciam extrema apreensão diante da situação a que estão expostas. Por serem anônimas – seus rostos nunca nos são revelados – e silenciosas (o vídeo é regido apenas por trilha sonora que enfatiza o ritmo e a indefinição do desfecho), nossa atenção, enquanto espectadores, é orientada para a coreografia improvisada que intuitivamente se fez necessária para o sucesso da empreitada.

E por falar em coreografia, e em configurações do espaço, somos convocados a adentrar esta exposição não mais como espectadores, mas como agentes capazes de ativar as estruturas do ambiente, fazendo-o “falar” e reagir aos nossos percursos e movimentos. Há uma obra em “Truque”, entretanto, que nos interpela, também devido à sua característica pictórica, contrastando com todos os recursos tecnológicos explorados na mostra: *The Vanishing Coin*, cópia que o artista fez de uma pintura de sua própria autoria, faz presente mais um corpo anônimo (não vemos seu rosto ou cabeça), e se destaca como um enigma, criando uma sugestão *mise en abyme* para uma mostra sob efeitos de reproduções, réplicas, ou, se preferimos, truques, de uma minuciosa sobreposição de autorreferências que funcionam como bonecas russas, abarcando inusitadas camadas de espaço e elaborados jogos de corpos.

## Gestures and Spaces for Brand-New Meanings

**Marcela Vieira**

curadora da exposição

There are various ways, conscious or not, of entering a space and generating meanings, associations, and, by extension, new memories. Some may step into a space and allow themselves to be captivated by a word, a fleeting impression—an event belonging to the enigmatic domain of affect. Others may engage with space by scrutinizing its angles, planes, quadrants, and light. The distinction between these modes of perception, which we continuously experience, is subtle and often unspoken. Yet, these dynamics are always susceptible to representation through narrative or speculative means.

Nothing, however, prevents different ways of experiencing movement through space from merging, giving rise to exceptional occurrences: structural perceptions shifting into the realm of sensation or, conversely, sensory impressions assuming a geometric register, shaped by movement and rhythmic cadence. Ilê Sartuzi's exhibition *Trick*, installed at MAC USP, explores these observational and spatial possibilities, simultaneously revealing the structure (and infrastructure) of the exhibition space and activating the body's properties through meticulously choreographed movement.

\*\*\*

During the production of *Trick*, Sartuzi's approach was particularly remarkable. It involved meticulous research into the museum's structure and agreements with different institutional bodies, including curators, the security team, and the fire department, all of whom engaged in negotiations regarding the architectural scope. On one hand, there was a strong commitment to spatial considerations, evident in the study of the floor plan—an element that is integrated into *Trick* as both documentation or, if we want, an independent artwork. Equally noteworthy is the fact that many of these works—*Turn Me Off*, *Signal*, *False Alarm: Symphony for Museums*, *Vigilant*, and *beep*—emerged from a speculative process, originating as text. This aspect is particularly intriguing, as it reveals that before making visual and aesthetic decisions, Sartuzi engaged in a primarily technical approach, gathering vocabulary, perspectives, and conceptual frameworks related to his subject. Before finally arriving at the image—which potentially embodies novelty or, ideally, the possibility of transformation—

Sartuzi's process often draws upon a variety of linguistic models, including literature, architecture, theater, and choreography.

The two-channel video *Sleight of Hand*, recorded at the British Museum in London and now exhibited in *Trick*, confirms Sartuzi's interest in the study of space. However, this time, the exhibition space is strategically approached as the stage for an operation that lies between theft and magic, exploring what these two activities have in common. (*Sleight of hand* refers to the illusionistic manipulation of an object, making it disappear before the eyes of the other.) To execute this carefully premeditated move, the presence of another person is necessary, because without them, neither the magic nor the theft would be completed and would simply remain as mere practice. For the *sleight of hand* to be successfully performed, the magician or thief must navigate a complex system of signs, involving rhythmic, spatial, visual, and psychological elements. Because the outcome depends not only on the performer's actions but also on external factors, the thief or magician remains acutely attuned to external agents beyond their own gestures or movements. This is why even the most perfected preparation for the act involves a significant margin of error. When successful, it is not the act itself but the consequences—the gesture, the pass—that is revealed by both theft and magic.

The operations proposed by the tricks require a reconfiguration of gestures and the creation of rhythmic dynamics between the bodies, aiming to inscribe themselves within the supposedly natural order of the situation in which they are about to intervene. Flowing within the rhythm, even if only to participate synchronically, implies an intervention in reality, with the intention of camouflaging oneself within it, simulating spontaneity. From the operation of concrete and real elements, a transformation can happen, opening up new possibilities for perception. In *Sleight of Hand*, the magical action, or theft, performed by the artist leads to a shift in meaning, paving the way for a language that can be utopian and effusive, while also offering a critical perspective on the reality it engages with.

Another recurring element in Sartuzi's poetics emerges in *Sleight of Hand*: the study of bodies. While in previous works these bodies are represented in mechanized or artificially altered forms, often through dismantled mannequins, in *Sleight of Hand*, the characters are real and experience intense apprehension in response to the situation they face. Because they are anonymous—their faces never revealed to us—and silent (the video is accompanied only by a soundtrack that accentuates the rhythm and ambiguity of the outcome), our attention, as viewers, is directed toward the improvised choreography that was intuitively necessary for the success of the project.

And speaking of choreography and spatial configurations, we are invited to experience the exhibition not merely as spectators, but as agents capable of activating its structures, making the environment "speak" and respond to our paths and movements. However, one work in *Trick* challenges us—partly due to its pictorial nature, which

contrasts with the exhibition's technological explorations: *The Vanishing Coin*, a replica created by an anonymous art forger whom Sartuzi entrusted with the task of precisely replicating a painting of his own, introduces yet another anonymous body into the exhibition. The concealed identity of the depicted figure shifts the focus to the coin and the gesture that holds it. This painting emerges as an enigma, evoking a *mise en abyme* effect within an exhibition shaped by reproductions, forgeries, replicas—or, if we prefer, tricks—where meticulous layers of self-reference unfold like Russian dolls, encompassing choreographic, conceptual, and, in a broader sense, critical reflections on the institutional context and the circulation of art itself.

## TRABALHADORES

[workers]

artista [artist]: Ilê Sartuzi

curadoria [curator]: Marcela Vieira

curadoria institucional [institutional curator]: Heloisa Espada

mecatrônica e programação [mechatronics and programming]: Marcus Garcia

produção [production]: Carol Angelo

falsificação da pintura [painting forgery]: autor anônimo

## AGRADECIMENTOS

[thanks to]

aos funcionários do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, à Ybytu (Bernardo Faria e Georgiana Rothier), FIRMA, Revista Rosa, aos laboratórios de fotografia dos departamentos de artes da Universidade de São Paulo e da Goldsmiths, University of London; ao meu advogado anônimo e nominalmente à Cecilia Winter, Clara Ianni, Ilan Karpio, Leandro Lima, Nicholas Simcik, Michelle Lee Johnson, Mike Cooter, Pollyana Quintella, Pedro França, Paula e Laura Halker, Tiago Mesquita, Thiago Tannous.

[to the staff of the Museum of Contemporary Art of the University of São Paulo, to Ybytu (Bernardo Faria and Georgiana Rothier), FIRMA, Revista Rosa, to the photography labs of the art departments of the University of São Paulo and Goldsmiths, University of London; to my anonymous lawyer and nominally to Cecilia Winter, Clara Ianni, Ilan Karpio, Leandro Lima, Nicholas Simcik, Michelle Lee Johnson, Mike Cooter, Paula and Laura Halker, Pollyana Quintella, Pedro França, Tiago Mesquita, Thiago Tannous.]